

REVISTA “A Violeta”. Ano 11, nº 142. Cuiabá, 25 de dezembro de 1926.

A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario Julia Lopes

PUBLICAÇÃO MENSAL

—:— DIRECTORA —:—

BERNARDINA RICH

ANNO XI

Cuiabá, 25 de Dezembro de 1926

Nº 142



A's autoridades constituídas,
á imprensa indigena,
ás associações literarias
e aos seus presados leitores

A Violeta saúda prazeirosa

— deesejando-lhes —

MUITO FELIZ ANNO NOVO

CHRONICA



nosso Estado, mesmo atravez os revezes porque yae passando, reveste-se c'e galas com a noticia, para nós mui grata, de que foi eleito membro da Academia de

Letras D. Aquino Corrêa, dilecto filho desta terra grandiosa.

É o primeiro mattogrossense a quem cabe a honra de ser escolhido para figurar entre os Immortaes; e, para nós, que nelle reconhecemos tão entranhado amor pela terra que lhe serviu de berço; que o vemos sem orgu-

lho e sem ostentação, espirito d'elicado, alma nobre e sem pretenções e vaidades que as não possúe, conquistar para Matto-Grosso o melhor meio de se elevar grandioso entre os mais cultos Estados da União, comprehendemos que D. Aquino, na Academia não deixará tambem de fazel-o conhecido no mundo das letras como já vae sendo em suas possibilidades economicas.

Não é o novo eleito desses espiritos que, enaltecidos se esquecem ingratamente da terra que lhe serviu de berço, quando ainda não seja uma cidade opulenta.

D. Aquino, mesmo longe de Cuiabá, tanto ou mais que perto, procura enaltecel-a.

E é porque paira sempre, como um eterno sonho seu, o entranhado amor a esta terra, amor que nestes versos soube concentrar :

Quero dormir á sombra da verdura
Da Patrie, numa pura
Região de primaveras immortaes,
Onde paire, qual placida e infinita
Flôr, essa cruz bemdita
Da Religião divina dos meus paes

Auguramos, pois, a S. Excia um
brilhante porvir na senda litteraria,
como brilhantes têm sido os seus
passos na vida politica e reli-
giosa.

Arinapi



— 25 de Dezembro —

Entra hoje no 11º anno de sua publicação a nossa revista.

Esse acontecimento, que para nós representa uma etapa de gloria, é tambem um vigoroso incentivo para que, sem desfallecimentos, prosigamos nessa trajectoria de sacrificios e glorias a que nos impuzemos.

Quem como nós conhece os espinhos cruciantes do jornalismo, poderá comprehender os esforços inauditos, os mil obstaculos vencidos, a coragem heroica de que nos temos revestido para vencer, nessa lucta titanica, que, sem derramamentos de sangue, é não obstante uma lucta, e na qual as idéas incomprehendidas, as inversões de pensamentos, as susceptibilidades exageradas, os melindres sem razão offendidos, a critica mordaz e irracional, e mil e um obstaculos mais, são entranves que nos embargam os passos, são espinhos que nos fazem sangrar a alma.

Deixando, porém, á margem esses embaraços, continuaremos vigorosas, a santa cruzada que, desde 1916 vimos fazendo, dando cumprimento ao nobre ideal a que nos propuzemos,—fazendo da intelligencia feminina o seu baluarte.

Render a devida homenagem ás primeiras dessa lucta, é desejo ardente desta redacção, que se congratula tambem com todas as suas dedicadas col-

laboradoras, e concita ás intelligentes patricias para que, em fraternal e elevado gesto, sejam as continuadoras dessa obra de engrandecimento moral.

— D. MARIA DE A. MULLER —

Transcorreu a 9 do andante, o anniversario desta nossa distincta amiga e valorosa consocia.

Para nós, gremistas do "Julia Lopes", essa data é jubilosa e muitissimo cara,

A illustre anniversariante, uma das mais bellas mentalidades cuiabanas, tem com a sua penna fulgurante, com a extraordinaria capacidade de acção que todas nós lhe conhecemos, contribuido efficazmente, desde o inicio do nosso gremio até hoje, nessa longa e trabalhosa jornada que ha 10 annos vimos palmilhando, para que os nossos elevados ideaes se convertam em realidade.

Presidindo pela segunda vez os destinos da nossa agremiação litteraria, enchemos de nobre orgulho o seu immenso carinho, o seu devotamento sem par, sem vacillações, corajosa sempre, apesar dos innumerados tropeços que se nos tem deparado.

Rendendo, pois, uma verdadeira homenagem de carinho e admiração á actual presidente do gremio, cumprimos o mais sagrado dos deveres, e é por isso que, cerrando fileiras, congregamos-nos todas para, jubilosas e felizes, saudar a querida amiga e destemida batalhadora pela passagem da quella data festiva, e envolvendo-a em apertado e affectuoso abraço offerecer-lhe flores, flores odorosas, que traduzam toda a expressão dos nossos carinhos.

Na Academia de Letras

Transmittio-nos o telegrapho a auspiciosa noticia de haver sido eleito o nosso illustrado conterraneo D. Aquino Correa, para a vaga de Lauro Müller, naquella cenaculo de saber.

Um fremito de entusiasmo e orgulho justo percorreu a alma cuiabana, que de ha muito sagrou o grande poeta como expoente maximo de cultura entre os seus filhos dilectos.

Está, pois, de parabens toda a intellectualidade mattogrossense, e muito es-

pecialmente a Cidade Verde, orgulhosa da ascensão do seu primoroso poeta, ás culminancias a que tem direito, aureolado com as flôres perfumosas da sua extraordinaria mentalidade.

A Violeta, modesta e humilde, abre as suas pequeninas petalas para, sorridente e feliz, saudar o grande embaixador de Matto-Grosso naquella areopago de luzes.

Correspondência de D. Martha

Coube-me a mim, meus caros leitores; fallar sobre a festa que se commemora hoje, festa que para o Gremio Julia Lopes tem uma dupla significação.

Si o mundo inteiro se regosija pelo nascimento do menino Deus, como não unir as nossas, ás vozes do Universo para entoar o *Gloria in excelsis Deo*?

Gloria sim ao Deus creador de todas estas grandezas que nos cercam, que nos arrebata como hymnos festivos que voz humana não entoa, como sejam esses encantos da Natura, á vista das flores, ao murmúrio dos regatos, ás quédas das cachoeiras, ao concerto mavioso dos passaros, que artista humano jamais imitará.

E que nos pede o Rei dos reis, desde o seu humilde nascimento na gruta de Bethlem?

Que nos diz a sapiencia summa desse Deus que fez reunir diante o seu modesto berço os reis e os pastores, os poderosos e os humildes, os grandes e os pequenos, para uma mesma adoração?

Uma lei só encerra essa grandeza toda que nós vemos, que não podemos negal-a—“*amae-vos uns aos outros*”

“*Amae-vos uns os outros*” é o unico pedido que Inos faz, é a lei unica que nos dá Aquelle que tudo fez e que tudo faz por nós.

Quanto são consoladoras as festas que nestes dias se fazem aos pobres, ás creanças?

Este anno ao que parece pouco se fará pelos desprotegidos da sorte.

As vistas se convergem para um só ponto—a guerra; a guerra civil, vergonhosa e impatrioticamente implantada em nossa Patria, tudo ceifando, devastando tudo, nesta lucta suprema de um orgulho que não se abate, de um poder que não perdoa.

Pelo menos assim marcham as cousas...

E a alma do brasileiro rude, não afeita á diplomacia dos salões, ha de revoltar-se um dia contra a sciencia e contra a civilização nossas, que são postas em pratica para lhes quebrar o encanto da vida simples e amena dos sertões.

Bem melhor seria que bem pensassem esses degenerados filhos desta Patria, e fossem empregar o poder e a sciencia no progresso que só nos dão a paz e o trabalho.

Como as outras sociedades que em um justo sobresalto não puderam fazer as suas festas costumeiras, o Gremio Julia Lopes que tambem commemora neste dia a sua solemne fundação, nada mais pode fazer que publicar esta revista.

E é por ella que a voz do Gremio se faz ouvir para saudar esta sociedade toda, desejando-lhe e ao Brazil a paz, a concordia a união—o “*amae-vos uns aos outros*” emfim—

Martha

PAGINA AMERICANA

Limosna

Ahora quiero un alma, ser el que voy buscando,
Ahora quiero un alma para poder amar ;
Echame sobre el alma gota a gota tu alma.
El cielo de tu alma, ya no pretendo más.

Quiero un alma, es un alma lo que busco en la vida,
Es un alma, es un alma ; la sed me matará,
Y el alma es como un cielo : quiero un alma estrellada ;
Con un alma estrellada me quiero iluminar.

Soy una pobre cosa ; nadie más pobre cosa
Que yo, que busco un alma sin poderla encontrar
La compro con la vida, al que la traiga pago
Con mi vida su alma. ¿ Quién la quiere dar ?

Alfonsina Storni

La Hermana del hospital

Es buena y es blanca.
La he visto acercarse a todas las camas,
Y a todos consuela ;
A todos les habla no sé de que cosas
Casi siempre infantiles, pues todos sonríen
Con sonrisa triste.
Y la miran hondo . . .
Quizás los enfermos al mirarla piensen
Que han vuelto a ser niños de nuevo otra vez
Y al mirar la hermana tan pura y tan fina
Recuerdan la madre que ha mucho no ven.
Todos la llaman,
A todos se acerca.
Para cada pena tiene una esperanza,
Tiene una ilusión . . .
Y todos se quedan alegres y sueñan
Con la vida, el amor, y con
La alegría que nos brinda el sol . . .
Y aún el enfermo que está enfermo grave
Siente como un suave
Palpitar de vida sobre el corazón.
Y quizás por eso cuando ya se aleja,
Con su suave paso por entre las camas,
Todas las miradas van como en un ruego
Silencioso y hondo siguiendo a la hermana.

Federico Martinez.

O Pae

CONTO DE NATAL

Luiz nascera desventurado.

Maria sua mãe, concebera-o inconscientemente.

Na idade em que todas as jovens flirtam innocentemente, ella, só na vida, já tinha uma noção acabada da mal-lade dos homens.

Não querendo levar a mesma vida que Maria Magdalena antes de conhecer o Rabi, concentrou toda a attenção no filho e no trabalho.

Desorientada, a braços com mil contratempos, procurava um emprego mas o seu aspecto pouco a recommendava e em vão empregava todos os artificios possíveis na luta pela propria manutenção e a do seu rebento.

Porém a força de bater em todas as portas que se lhe cerravam como se a quizessem condemnar á fome, abriu-se-lhe, certa vez, a de uma fabrica de tecidos, em que ella havia trabalhado quando menina.

Alugou um quartinho no bairro operario e deixava allí o filho, durante o dia, aos cuidados duma velha conhecida.

Luiz creava-se á lei da natureza, entre outras creanças espertas e desavergonhadas. Era agil, astuto, vivo, como todas as creanças que vivem em liberdade e entregues aos proprios instinctos, nos meios populosos, onde a sagacidade e a malicia bebem-se até no ar . . .

Longe dos carinhos maternos crecia como um broto nascido das raizes de uma arvore cheia de seiva. Confirmava-se a creença popular: filho do nada, reúne em si os germens de todas as qualidades!

Perto de sua casa, havia uma linda mansão de aspecto alegre, propriedade de um casal de fortuna que tinha muitos filhos.

Todos os dias, pelas seis horas da tarde entrava o pae, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que saltavam ao collo contentes e alegres, chamando-o carinhosamente; Papae, papae! Luiz assistia áquelle

espectaculo de ternura e não podia comprehender porque todos os meninos, menos elle, tinham pae!

A esta reflexão, começava a surgir do fundo do seu pequenino cerebro o primeiro vislumbre de raciocínio.

E tinha grandes tristezas e desejos infinitos de chorar . . .

A mãe, sempre empregada na fabrica, parecia haver tomado a vida a serio, como si quizesse refazer e apagar com um presente de sacrificios e fadigas, todo um passado de deshonestidade e ocio

Approximavam-se as festas de Natal, e Maria andava muito atarefada em confeccionar um traje para seu filho, com uma castosa casemira de um vestido que ella usára em tempos que já lá iam . . .

Quando a roupa que cosia lhe recordava o passado, a pobre mãe levantava-se lentamente e ia beijar a cabeça do filho adormecido.

Uma noite, faltavam poucos dias para o Natal, o pequeno despertou sobresaltado, chorando, chamand'o pela mãe, e em seguida, instinctivamente pelo pae.

Maria, afflicta, não sabia como consolar o filho e acariciando-o suavemente, disse-lhe:

—Papá? Sim, virá . . . Dorme, meu filho, papá está viajando. Mas virá para a noite de Natal com um sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração, dorme! . . .

Luiz reconciliou o sonho.

Ella, para distrahir-se um pouco, abriu a janella que deitava para um pateo cheio de roupas estendidas.

Olhou em torno, por toda parte reinava o mais absoluto silencio.

Ergueu para o céu os olhos humidos e contemplou a lua solitaria que espargia uma claridade suave e monotona, como si fôsse o olho de "alguem" que estivesse espiando aquella scena dolorosa . . .

No dia seguinte, Luiz, brincando com outros meninos, ouviu contar que

na noite de Natal nascia o menino-Jesus, e que iriam com os paes á missa do gallo para vêr o presépe.

Luiz, filho espureo, era a personificação do phenomeno inexplicavel para todos os philosophos que nutrem veleidades de nobreza e negam que haja no fundo da plebe qualidades geniaes.

Além de não ter pae, arrastava consigo o tormento da precocidade! E a idéa de vêr o pae crescia no seu cerebro, agravada fortemente pelo poder de sua consciencia precoce!

Vinte e quatro de Dezembro. Céu estrellado. Meia noite...

Natal! Os sinos repicam nas torres de todas as igrejas. O bairro inteiro prepara-se para assistir a missa do gallo. Alazarra em todas as esquinas, onde param os rapazes para ver passar as jovens que vão á igreja.

Não ha flirts! O povo não perde tempo em coisas innocentes e inuteis.

Paes diversos fallam de amor á distancia fatal em que os labios dizem palavras que são projecteis arrojados ao coração.

A agitação cresce á medida que as ruas se enchem de gente.

Luiz, que a essa hora dormia, desperta e como a mamã lhe havia prometido que seu pae viria na noite de Natal, interroga:

—Mamã, não estamos na noite de Natal?

—Sim, meu filho. Dentro de pouco tempo nascerá o menino Deus.

—E papae, porque não vem?

—Papae não chegou ainda da viagem. Mas, fica tranquillo que elle não tardará a vir.

—E' muito longe, onte foi papae?

Enquanto Luiz falla, a mãe procura um retratinho que tinha guardado, emol furado num caixilho ordinario.

E levantando aos labios da creança, disse-lhe fervorosamente:

Beija-o, meu filho, é o retrato de teu pae!

Luiz aperta-o ternamente de encontro ao peito, e, apoiando a cabeça sobre o travesseiro, balbucia:

—Papá..., papá..., papá!...

Em seguida adormece reingiosamente, com o retrato de Jesus-Christo sobre o peito.

A mãe soluça aos pés da cama e implora com fervor:

—Jesus! Pae de todas as creaturas que não tem pae... sêde na noite de Natal o pae de meu filho!

Sylvio Floreal

Em Surdina

Ao eximio violinista Dr. J. R Valle.

Foi em extase que te ouvi, quando arrancavas do teu maravilhoso instrumento, sons divinos de melodias arrebatadoras. A minh' alma alçando vôo á amplidão desconhecida, cantava um hymno de gloria ao teu coração de artista!

No sertão, em um casinhôto coberto de folhas das alterosas palmeiras, onde imperava o silencio a que só está affeita a alma sertaneja, sob o branco docel do firmamento azul esmêcido, o teu violino tinha mais forte o seu condão de arrebatamento! A musica que executastes, se bem me recorda, tinha o lindo nome de—Saudade!

É só mesmo nos accordes de um violino, que essa palavra magica poderia ter a verdadeira traducção, que a imaginação concebe porém a penna não pôde descrever, porque é a sublime revelação da dôr que o coração sente mas não define.....

Tocavas baixinho..... em surdina... e por isso era mais expressivo o soluço do teu encantado violino.

Em surdina, é o queixume da fonte! Em surdina é a caricia da brisa que revolteia num bailado antigo sobre a folhagem sussurrante! Em surdina é que nos cahem dos olhos as lagrimas mais ardentes! Em surdina, é que muitas vezes o soluço nos esphacella o coração.

Tocavas baixinho, talvez para que não te ouvissem os anjos, aquelles anjinhos lindos que tocam sonóros instrumentos para emballar o somno das creanças.

Receavas que elles se zangassem contigo por emballar a minh' alma num sonho bom de infinitas venturas.

Sonhei sim, mas o meu sonho durou curtissimos momentos, e a lembrança delle perdurará por todo o sempre na minha imaginação. Foi tão bom, tão lindo o meu sonho!...

16—8—923.

Cecy.

SAUDADES DE S. LUIZ DE CACERES

«Saudade! Teu doce nome nada diz,
entretanto quem te sente nunca pode
ser feliz».

*Tenho saudades dos tempos vividos
Em ti Caceres... no teu doce abrigo...
Tenho saudades de meus paes queridos
Que hoje repousam no teu seio amigo!...*

*Sobre as tumbas, á luz crepuscular,
Quando o sino soluça a Ave Maria,
As palmeiras, em doce flabellar
Dos leques, cantam triste melodia...*

*E, aqui distante, eu, filha orphã, deploro
Estar de ti ausente.... oh! berço amado!
E não podendo ahi voltar, sentida choro.*

*Porem, sei eu que não mais, acharei paz
Ahi, onde aos meus, um cruel fado
Tem reduzido a um triste: Aqui jaz!»*

Corumbã,—2—11—926

Sylvia Pompeu de Barros

A história do velho tronco

Era tardesinha. Céu brumoso.

A natureza quedava-se triste ante o phantastico espectáculo da enchente que parecia querer fazer tudo sossobrar.

E as aguas subiam, subiam sempre, e um forte vento encrespava as ondas que, além das espumas traziam no seu dorso, um velho e carcomido tronco que se despedaçava de encontro as ribanceiras, devido á correnteza e ia desgraçadamente ao léo, redemoíndo.

A enchente crescia! E o negro tóro ia estacionar depois de se haver emmananhado em varios galhos que tambem sofriam a inclemencia da torrente, em uma das margens onde havia outros tóros trazidos pelo au laçioso elemento liquido. E um toro estacionado, perguntou-lhe: — Quem és tu amigo que te animas assim, pobre e estenuado pelo influxo energico da corrente?

— Sou um toro que descamba pelo barranco abaixo, lutando com todos os infortunios. E perecerei, porque forças já não tenho para supportar o furor das aguas. E depois de uma pausa continuou:

— Queres, então, saber quem eu sou? Pois não ves que sou um velho tronco esburacado e como tal creio não haver mais quem se importe com este triste despojo do meu ser! Eu já fui e não sou mais... O meu nome, de quando eu era alguem, de ha muito que já se perdeu na sombra remota dos annos... A terra dos heroes me viu nascer e lá, naquellas saudosas e legendarias florestas do mais bello torrão brasileiro, cresci frondoso e copado. E nesses invios sertões, servi de abrigo a milhares de aves que hoje cantam nas ramarias de outras arvores. Na minha sombra hospitaleira dormitam o somno eterno, um punhado de bandeirantes que pagaram com a vida a ousadia que os impeliu a se embrenharem nesses reconditos, onde uma horda de selvagens os destroçou. E, annos depois, eu tambem tombava ao sólo, sob os rudes e repetidos golpes de um machado, para que o sertanejo cruel, retirasse do meu cerne abundantes favos de delicioso mel.

E ahí, tombado nesse terreno, repousei por muitos annos, desprezado, até que alguem, conduzindo-me para fora da floresta reduziu-me a quinta parte do que era, para que eu pudesse, dessa maneira servir de esteio a um casebre edificado á margem deste rio que me transporta como se eu fosse um brinco das suas ondas.

— Velho tronco—exclamou o outro. Somos mudos perante os acontecimentos. Porém a tua historia é bem um livro aberto que todos ignoram. Os homens que andam a pesquisar a archeologia, a numismatica e as varias philosophias, procurando desvendar as sombras do passado, ás gerações presentes, nunca saberão que não teu carunchado esqueleto se aninha a lembrança de um remoto passado que evoca a historia de um povo, desde a sua epoca embrionaria.

E no entanto vogas esquecido, pelo acaso da sorte, qual mumia egypcia, como si foras uma desprezada reliquia...

*
**

E os dois troncos unidos pela solidariedade do infortunio, ficaram á margem da correnteza, naquella tardinha, como que perdidos numa troca de evocações suaves.

M. C. M.

Mocidade!...

Fantasia.

Inclino-me para ti e olho-te! E's linda, minha Cléa, com os grandes olhos da côr do mar, olhos onde se reflecte a bondade da tua bella alma intelligente, com os labios frescos e vermelhos, o narizinho afilado e petulante, os cabellos castanhos que caem, em madeixas, pelos teus hombros de marmore e essa graça extranha que te torna ainda mais attrahente. Por que, então, sendo tão boa e linda, estás sempre triste? E' a pergunta que faço a mim mesma, a todo o instante. A resposta é que nunca chega, minha querida, pois ninguém ouve essas palavras que constantemente repito baixinho, só para o meu coração. Mas, esta idéa me afflige de tal modo que não posso calal-a por mais tempo. Que

terás, minha pequenina Cléa, para andares tão differente, tão retrahida? Será possível que me escondas alguma cousa, ou guardes algum segredo para commigo, tu, que me contavas tudo, minha querida amiguinha! Não o creio e, por isso, venho, agora que é impossível conter a minha curiosidade, saber o motivo do teu alheamento e da tua transformação nestes poucos dias . . .

. . . O rosto que eu ansiosamente interrogava coloriu-se mui suavemente, os olhos que me fitavam velaram-se, e as palpebras, depois de um momento em que se conservaram baixas, escondendo as magnificas pupillas brilhantes, cujas pestanas longas e douradas chegavam ás faces, ergueram-se, e os olhos, fitando-me outra vez disseram tudo que era impossivel seus labios, nesse instante pronunciar! . . .

Oh! minha Cléa, porque não me falaste nisto a mais tempo? Porque occultaste tanto da tua amiga o motivo da tua tristeza e guardaste, só para ti, as maguas que, commigo, deviam ser partilhadas?

Agora, que os castellos de teus sonhos já se desfizeram a um simples sopro da sorte, comprehendes o que te aconselhava, que fosses menos entusiasta por essas roseas illusões da borboleta dourada que se chama Mocidade! . . . Quantos sonhos desfeitos, quantas illusões mortas! Voaste muito, muito alto, minha querida; imagi-

naste coisas impossiveis e oh! Loucura das Loucuras, não me quizes e confiar nenhum dos teus pensamentos e dos teus formosos mas irrealiaveis sonhos! Emfim, já te venceste de que a vida não é um mar de rosas, as rosas têm espinhos, e com a experiencia que te ficar deste primeiro grande desgosto que veio escurecer o azul da tua existencia, poderás, comprehender quanto se soffre n'ella e quanto valem os conselhos de uma amiga que, como eu, é mais velha e mais experiente que tu. Cuidado, minha Cléa, sê menos louca e mais prudente, que as rosas da vida têm espinhos, elles ferem, as vezes muito profundamente! . . . Deus queira que não encontres muitos no teu caminho, mas flores, flores em quantidade, pois que dellas és merecedora! A vida é para uns um lago azul, mui tranquillo e para outros o oceano furioso, agitado de ondas! . . .

. . . O lindo rosto meigo que tanto adoro agradeceu com um sorriso e um beijo minhas palavras, e os bellos olhos verdes se velaram deixando erhir duas lagrimas ardentes, puras, crystalinas, quaes duas perolas que surgissem de um escriptorio magnifico e fossem gravadas em meu coração!

Guardo, como um perfume subtil a embriagar-me os sentidos, a lembrança d'aquelle beijo e d'aquellas lagrimas ardentes da minha amiga! Loucuras da mocidade! . . .

Tarly.

ROSALIA

CONTO DE LAIR

(Continuação)

Laurindo traz um enigmatico sorriso nos labios orgulhosos. Boleando elegantemente a perna revestida do impecavel culotte caki e perneiras vermelhas desce do cavallo, que ahí fica a procura de alguma delicada graminea.

—Boas, Rosalia. Demorei?

—Não, fez carinhosamente a jovem, escondendo o espelhinho. Aquí, Laurin-

do, e Rosalia mostrava-lhe, o logar mais prazenteiro do caramanchão.

Quem indiscretamente observasse os olhares d'aquellas duas mocidades notaria o doloroso contraste.

Um amor puro brilha nas pupilas de Rosalia. Crescem e se illuminam, quando Laurindo promette um futuro honrado e feliz. Mas quando o jovem fal-

la em voltar á cidade, para terminar o seu curso de Direito, Rosalia não domina o pranto, como se a mão cruel de uma feiticeira, derramasse nas suas pupilas, o succo acre das plantas envenenadas.

Que importância a ella esse pedaço de papel, chamado *diploma* e adquirido a custa de mais um anno de ausencia ?...

Para Laurindo, porem, aquelle amor de Rosalia não passa de uma nova aventura. Novella mentirosa escripta nas areias do Aricá, as primeiras chuvas de Dezembro, haviam de apaga-la. Triste comedia cujo ultimo acto seria a traição e o negro esquecimento. Que importância á Laurindo, que a sua barquinha baloiçasse um dia n'aquella tranquilla enseada, se quando soprassem os ventos das ambições, havia de nortear o leme para outras ilhas encantadas ?

Só as flores da verde madresilva, conhecem os segredos d'aquelle amor de um dia. Só a roxa parasita protesta pelo beijo traidor d'aquelle homem... Só o vento da tarde, vai chorando a negra felonía de Laurindo Só o fiel e prudente João de Barros, critica e zomba das loucas cegueiras de Rosalia.

O joven Academico, fazendo-se mais serio, mostrou a menina uma carta de São Paulo. Sua mãe estava a morte, e precisava vel-a. Não podia deixa-la morrer, sem dar-lhe o ultimo abraço filial.

Uma punhalada não seria mais dolorosa para Rosalia. Um tremor invade-lhe o corpo e dos seus olhos espantados, brotam duas fontes de diamantes.

— Não chores meu bem, disse Laurindo, depositando naquella fronte morena um beijo respeitoso. Minha ausencia será breve. Sabes que te adoro e te pertences, como esta flor pertence a esta orchidea.

Rosalía olhou para a roxa parasita. Arrancou-a com todo o cuidado. Beijou-a religiosamente e offerecendo-a a Laurindo diz entre soluços ;

— E' a flor da saudade. Guarda-a. Suas petalas lembrar-te-hão a sagrada promessa e o meu amor profundo que, só ha de morrer, quando Rosalia morra.

— Romantica ! disse o jovem academico. Para lembrar-me das tuas pupilas

negras, não preciso dessa flor que cedo muchará.

Amassou a bella parasita e abriu a cortina da frondosa madresilva para atirar bem longe a flor desfeita, symbolo então do seu amor meteorico, mas que podia tornar-se o ferrão de um remorse eterno.

Lançou porem um grito lacinante. Uma nuvem agoniosa passou-lhe pelos olhos. Dois coagulos obscuros de sangue negrejam na sua mão direita, e alli, horrivel, com a lingua bipartida de fora, dois olhinhos de crystal, a ponta do rabinho agitando-se como a ameaça de um azorrague e fazendo um rumor que tinha algo de zombeteira gargalhada e muito do sarcasmo da sorte, apreze a cascavel assassina e maldita.

Rosalía, numa reacção magnifica de coragem e de amor feminino, atirou-se sobre Laurindo, segurou-lhe a mão direita entre os seus braços roliços, e com um impulso de generosidade christã, poz os seus labios vermelhos e humidos, sobre a nauseabunda ferida e chupou, chupou . . . Parecia uma criança faminta junto ao seio materno, um colibri volitante, junto á flor odorosa. Nunca o garimpeiro procurou diamantes com a sofreguidão de Rosalia, ao querer extrair o veneno fatal. E como Deus quiz, mais enfraquecida ella pelo esforço e pelo anseio, do que Laurindo pelo toxico, arrastou o seu noivo até a fazenda.

E morreria naquella noite o elegante academico, se na fazenda do Aricá não achasse tres maravilhosos esculapios ; Octacilio de Oliveira, com a sua purga de lagarto ; a negra Conceição, com as suas benzeduras, e Rosalia com os seus cuidados, as suas lagrimas e suas preces á Auxiliadora dos Christãos.

Titanica foi a lucta com a morte. Laurindo ficou desfigurado. Chegou quasi a perder a vista. Uma altissima febre queimava-lhe o corpo todo, e os dedos amarratados, mais pareciam garras de ferro, do que estremidades humanas.

Assim passavam os dias, assim passavam as noites. Os astros surgiam silenciosos no horizonte, descreviam suas orbitas misteriosas, e mudos se diluam na claridade da aurora. As horas em lenta precissão funebre, tornaram-se insupportaveis. Octacilio exgo-

tou a sua paciência. A negra Conceição chegou a duvidar das suas thymaturgas benzeduras. Somente Rosalia crê e espera, reza e trabalha, vigia e chora, e como se temesse que os negros presagios entrassem no quarto de Laurindo, não, abandona a sua cabeceira, ara do seu sublime holocausto.

Porque uma tarde, olhava muito profundamente, com um sorriso macabro que punha de manifesto seus raios, prolongados e mal seguros dentes, a Conceição dissera-lhe depois de apertar os labios flacidos, e traçar no espaço um largo gesto negativo:

—Menina, não acredite em promessas de rapaz...

Saberia alguma cousa a negra Conceição?

Mas Laurindo sarou.

—“Essa purga de largato não nega, disse o capataz. E' um perigo pra sarar.”

—“Benzedura é que é”, disse a Conceição.

Rosalia attribuia o milagre ás suas lagrimas e ás suas preces fervorosas á Virgem Auxiliadora.

Só Laurindo continuava sceptico. Sarara porque sim. Não comprehendia como nesse mundo de Deus, ainda houvesse tamanha ignorancia. Porque elle, quasi doutor, vivia emancipado de todas as religiões, completamente absorvido na adoração de si mesmo, eternamente de joelhos a queimar incenso no altar do proprio eu.

E apenas lho permittiram as forças, embarcou para Cuiabá, rumo a S. Paulo.

Levava n'alma um mundo de illusões, que lhe absorviam a mentalidade.

Mas quando ao cahir das tardes seismarentas, surgia ao longe no immenso pantanal, o exercito alinhado dos carandazas, e as garças meditavam melancolicamente junto ao rio, as lembranças saudosas do Aricá conquistavam o predomínio.

(*Continúa*)

Noticiario

Conto de Natal

Do laureado escriptor paulista Sylvio Floreal, que, devido a circumstancias de occasião ainda se encontra em nos-

sa capital, publicamos hoje um bello conto de Natal, que vem adornar a nossa revista.

Agradecendo a gentileza do illustre hospede, esta redacção sente-se desvanecida com a valiosa offerta

Hospedes

Tivemos a satisfação de abraçar a nossa gentilissima collaboradora Sta Moreninha Maciel, que em companhia de sua extremosa genitora, está actualmente nesta cidade.

E' com immenso prazer que A Violeta visita á distincta amiga, desejando-lhe agradável permanencia entre nós.

Acham-se nesta cidade onde gozam de geraes sympathias, os estimados conterraneos Dr. Fenelon Muller e Professor Alfredo Pacheco.

Esta redacção tem o immenso prazer de apresentar-lhes a sua carinhosa visita.

Em festas

Está em festas o nosso gremio, com a visita que ora nos faz a dedicada amiga e querida companheira D. Elvira Pacheco de Sampaio, ausente ha muito, do nosso convivio.

Á distincta amiga e ao seu digno esposo esta redacção apresenta muito satisfeita a sua visita e deseja-lhes agradável permanencia em nossa sociedade.

Está tambem em festas o lar feliz do nosso distincto amigo Dr. Fenelon Muller e sua distincta consorte D. Alzita de Mattos Muller, com o nascimento de uma interessante menina que recebeu o nome de Rita Generosa.

E' com grande satisfação que felicitamos ao joven casal, desejando á graciosa creança um mundo de venturas.

Comunicação

Assumiu a 4 do corrente o cargo de Consultor Juridico do Estado o Dr. Amarilio Novis.

Agradecendo a gentileza da communicação recebida por esta redacção, desejamos ao illustrado conterraneo muito feliz desempenho no importante cargo.

— **Sociaes** —**Anniversarios do mez.**

A 2—A Sta. Dulce Proença, dedicada professora da Escola Modelo.

A 5—O professor Alcindo de Camargo, a quem esta revista deve muitas gentilezas.

No mesmo dia o Sr. Paulo Scarcelli, nosso distincto amigo e correto assignante.

A 6—D. Anna Rondon nossa veneranda amiga.

A 8—Os distinctos cavalheiros Srs. Catão das Neves e Euchario de Figueiredo aos quaes o nosso gremio deve muitos obsequios.

A 9—D. Ritinha M. de Azevedo, muito estimada em nosso meio.

A 10—A distincta professôra Sta. Almir de Mendonça.

Tambem a 10 a nossa graciosa amiguinha Sta. Vera Caldas.

No mesmo dia o nosso distincto conterraneo Sr. Manoel Pereira Cuiabano.

A 14—O Corel. Gurgel do Amaral, muito conceituado em nosso meio social.

A 16—A prendada Sta. Cesina de Lima, nosa sympathica amiguinha.

A 19—O interessante Huguinho, que faz o encanto do lar do nosso distincto amigo professor Julio S. Müller.

A 20—D. Alina de Faria, socia honoraria do nosso gremio, muito bemquista entre nós, pela sua affabilidade e gentileza.

No mesmo dia a nossa gentilissima consocia Sta. Iame Boabaid, um dos ornamentos do nosso gremio e muito estimada em toda a sociedade cuiabana.

Tambem a 20 o professor Philogonio Corrêa, um dos paladinos da nosa instrução, que lhe está a dever muitos e relevantes serviços.

A 21—A gentil Senhorita Clarice de Lima nossa querida amiguinha.

Tambem a 21 o Sr. Antonio Gamarrã, muito conceituado entre nós.

A 25—O nosso venerando amigo e illustrado conterraneo Advogado Estevão de Mendonça, a quem o nosso Estado e tambem o nosso gremio são devedores de valiosos serviços.

A 27—D. Frederica Müller um dos ornamentos da nossa sociedade, onde é extraordinariamente apreciada pelos seus dotes de espirito e de coração.

A 30—O Dezembargador Ferreira

Mendes, nosso illustrado conterraneo, a quem A Violeta muito deve.

No mesmo dia o Sr. Fina Filho, cavalheiro muito conceituado em toda a nossa sociedade.

E' com verdadeiro prazer que esta redacção apresenta a todos, effusivos cumprimentos. —

Anjinho

O Sr. Odorico Tocantins e sua virtuosa esposa passaram, no dia 12 do corrente, pela grande dôr de ver evolar-se para a mansão dos anjos, a sua idolatrada filhinha Acmena.

Ao distincto casal enviamos nestas linhas as expressões do nosso sentimento.

Fallecimentos

Victimada por uma rapida e cruel enfermidade, falleceu nesta capital D. Marianna de Carvalho Prado, um dos mais formosos ornamentos da nossa sociedade.

Esse triste acontecimento sensibilizou profundamente a alma cuiabana, onde a joven senhora era realmente bemquista.

A seus venerandos paes, extremoso esposo, irmãos, filhos e demais parentes, apresentamos as expressões do nosso grande pesar.

Acommetida, ha tempo, de uma rebelde enfermidade, veio a fallecer a 9 do corrente a estimada Sta. Ercilia Sarate.

Os despojos da inditosa joven foram dados à sepultura na tarde do mesmo dia, comparecendo a esse acto funebre, grande numero de pessoas.

A' sua desolada mãe e irmãos apresentamos as mais sentidas condolencias.

O Sr. João Gomes Monteiro e sua digna esposa, passaram pelo doloroso transe de perder a sua idolatrada filha Iracy, que, acommetida de tenaz enfermidade, que zombou de todos os recursos da sciencia, veio a succumbir na manhã de 14 do corrente.

Lamentando sinceramente esse luctuoso acontecimento, apresentamos aos desolados paes, irmãos e cunhados da mallograda joven os mais sentidos pezames.